

FESTA E DANÇA: VIVÊNCIAS LÚDICAS DE LAZER¹

FEST AND DANCE: LEISURE PLAYFUL CUSTOMS

Ilse Lorena von Borstel Galvão de Queirós²

RESUMO: O presente estudo busca compreender e interpretar os interesses, valores e significados que as festas étnicas possuem para seus atores no que se refere ao lazer, paralelamente, analisar quais são suas características, quais são os conteúdos culturais que envolvem, e os efeitos sociais que provocam. O texto baseia-se na análise bibliográfica, demonstra as relações e dimensões da festa enquanto espaço e momento de vivência do lazer, a dinâmica interna da festa, apontando para os elementos que a constituem e, destes parâmetros, descreve-se sobre a dança por ser um dos principais conteúdos de uma festa. Este estudo, aponta a festa como espaço e momento de lazer e, dentre os vários conteúdos culturais que oferece, a dança caracteriza-se no principal, servindo, predominantemente, para a satisfação dos interesses sociais, em estreita relação com os físicos, vivenciados de forma lúdica, criativa e crítica, e não exclusivamente divertida e de distração, ou sem conformismo.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, festa, dança

Os estudos da história, sociologia e antropologia mostram que as festas sempre foram e são manifestações sociais e culturais presentes na vida de povos de diferentes etnias e sociedades, embora vivenciadas de acordo com o seu universo material, espiritual ou simbólico específico.

“Cada grande descobrimento que faz o homem sobre sua relação com Deus, com o universo, com os seres humanos, consigo mesmo, é tão formidável que requer uma celebração. A religião a marca com uma festa. Também o Estado tem suas festas. As festas são universais”
(GRAZIA, 1966, p.388).

¹ Este estudo revela elementos presentes em minha dissertação de mestrado, particularmente, do Capítulo I, tema: Uma *“Tradição Inventada”* no Lazer. QUEIRÓS, Ilse Lorena von Borstel G. de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon*, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães. Campinas: FEF/UNICAMP, 1999. (Dissertação, Mestrado em Educação Física - Estudos do Lazer). Orientação: Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

² Professora Ms. do Curso de Educação Física da Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon - PR. E-mail: ilse@unioeste.br.

Evidencia-se, assim, que as festas sempre foram e continuam sendo promovidas e fruídas pelos homens, quer estando no poder religioso, quer no político, ou por sua própria vontade, com objetivo de celebrar acontecimentos da vida ou da natureza, símbolos sagrados ou profanos. Destarte se constituem em oportunidades para o ser humano fortalecer laços de amizade, parentesco e vizinhança, e para alargar as fronteiras nas relações sociais entre diferentes grupos ou classes sociais.³

A grande maioria dos estudos recentes sobre o lazer e festas compreendem que estes conceitos mantêm relações com o todo da vida social, não sendo o lazer e seus conteúdos esfera e atividades isoladas do contexto cultural.

Destaca-se o que escreve DA MATTA (1990) sobre as festas, enquanto categoria sociológica, quando diz que:

“pretende dar conta daquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e de idéias; sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente – o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores” (p.15).

Neste sentido, a festa como evento cultural e social, mantêm relações com o todo da vida social e pode inserir outras esferas de atuação humana, que tanto podem inibir, como desenvolver a vivência festiva. Desse modo, a festa pode representar lazer, trabalho, obrigação social ou política. É necessário entender que estas áreas de atuação do homem na festa, apresentam-se relacionadas, podendo, assim, apresentarem-se associadas, diferenciadas, mas, também antagônicas.

Considerando-se estritamente a festa em seu sentido, como espaço que possibilita a vivência do lazer, observa-se que suas relações são paradoxais. Por um lado, as festividades sempre tiveram e têm enorme vigência e difusão, tanto no Sul do Brasil, como na maioria dos Estados brasileiros, com dedicação especial por parte das populações rurais e urbanas, enquanto manifestações preferenciais de seu tempo de lazer. Por

3 No Brasil, veja o estudo de AMARAL (1996), que relata um grande número de festas que são realizadas atualmente na cidade de São Paulo, algumas recentes e outras bem antigas, desenvolvidas por diversos grupos étnicos, religiosos e outros. Em Santa Catarina ver os dois estudos de FLORES (1997) e (1998), e no Paraná o trabalho de KLUGE (1996). Estudos mais abrangentes, das diversas regiões do país, podem ser encontradas na imensa produção de folcloristas e os jornais que as registram.

outro, poucas são as descrições e, muito mais raras, são as tentativas de analisar e interpretar o seu significado enquanto opção pessoal de lazer.

Para tentar compreender os interesses, valores e significados que as festas étnicas possuem para seus protagonistas no que se refere ao lazer, quais são suas características, quais são os conteúdos culturais de lazer que envolvem, e os efeitos sociais que provocam, faz-se necessário percorrer um caminho ainda pouco trilhado pelos estudos do lazer, assim como, na Educação Física, concernentes ao significado dos conteúdos culturais do lazer físico-esportivos, vivenciados em festas, também pouco explorados. Por isso, fez-se necessário dialogar com outras áreas do conhecimento, como a história, a sociologia e a antropologia para dimensionar as reflexões teóricas sobre a nossa temática.

Neste sentido, o presente estudo discute o referencial teórico assumido. Inicia-se demonstrando as relações e dimensões da festa como espaço e momento de vivência do lazer, na seqüência, relata-se a dinâmica interna da festa, apontando para os elementos que a constituem e, destes parâmetros, descreve-se sobre a dança por ser um dos principais conteúdos de lazer de uma festa.

Lazer, Festa e Dança:

Análise sobre suas Relações e Dimensões

Veja-se então, a festa, em seu sentido como um espaço que possibilita a vivência do lazer, dado, prioritariamente, à sua dimensão lúdica que atrai um número muito grande de pessoas. O lazer, sintetizado na definição de MARCELLINO (1990a) que serve de referência para este estudo, é entendido como *"a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível"*. O autor propõe esta concepção, a partir de um entendimento dialetizado dos aspectos tempo e atitude voluntária dos sujeitos atores, tendo como traço definidor, *"o caráter desinteressado dessa vivência"* (p.31).

Compreende-se, assim, que, uma festa étnica apresenta-se como um conteúdo cultural do lazer que oferece, tanto para as pessoas em geral, quanto para as comunidades específicas, uma opção pessoal de lazer, decorrente de uma atitude favorável e disponibilidade de tempo para a participação. Ademais, na festa, o público pode selecionar as atividades que quer fazer, com quem quer se relacionar e de que forma quer se expressar, participando dela, pelos sentimentos de prazer e satisfação, sem ter em vista,

a princípio, algum resultado ou objetivo, num tempo e atitude que não estejam vinculadas às obrigações familiares, sociais, políticas e do trabalho.

Considerando os conteúdos culturais do lazer, DUMAZEDIER (1980) propõe uma classificação baseada em áreas de interesse, que são "os interesses físicos, os manuais, os artísticos, os intelectuais, os sociais, e os turísticos"⁴ (p.110).

Nessa perspectiva, uma festa étnica, enquanto conteúdo do lazer, corresponderia à categoria "social", predominantemente, pela possibilidade que tem em satisfazer os interesses sociais, isto é, a vivência de contatos diretos, o reencontro, a afirmação ou criação de vínculos afetivos e uma série de outras formas de relacionamento social que podem ser gerados em uma festa.

Entretanto MARCELLINO⁵, em uma análise minuciosa em seus estudos sobre este assunto, conclui que uma distinção de conteúdos em áreas de interesse, só pode ser estabelecida de forma subjetiva e, em termos de predominância, considerando que, na prática, eles compõem um todo interligado.

Especificamente, em relação à festa étnica, observa-se que as pessoas podem participar dela, buscando, principalmente, a satisfação dos interesses sociais. De outra forma, satisfazendo seus interesses físico-esportivos, por exemplo, através de estilos e manifestações de danças, jogos e competições. Podem ainda, buscar a satisfação pelos interesses artísticos que a festa propõe, como por exemplo, a apreciação de apresentações e exposições de diversos tipos, bem como, no prazer da gastronomia que a festa oferece. Portanto, uma festa pode proporcionar a satisfação de um ou vários conteúdos de interesses culturais para uma pessoa, concomitantemente, ou em momentos diferentes, destarte, muitas vezes, podem se fundir. Tudo isso vai depender do tipo de festa, do que esta proporciona e, predominantemente, da escolha pessoal em optar ou não por esta atividade em seu tempo disponível, em torno de um e/ou de outros interesses, de forma simultânea ou não.

Sob este prisma, o mesmo autor chama a atenção quando diz: "considero importante que as atividades de lazer procurem atender as pessoas no seu todo". Em outra direção, afirma que "o ideal seria que cada pessoa desenvolvesse sua ação, no tempo disponível abrangendo os cinco grupos de

4 O interesse turístico é incluído entre estes interesse culturais por: CAMARGO, Luís O. de L. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.18.

5 MARCELLINO analisa profundamente os interesses culturais do lazer em *Lazer e humanização*, p.39-44, e *Lazer e educação*, p.121-123.

interesses, ou seja, exercitando o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual e o relacionamento social" (MARCELLINO, 1983. p.43-44).

Nesta perspectiva, seria de fundamental importância que o planejamento e a organização de uma festa étnica envolvesse variados e diferentes conteúdos culturais, no sentido de proporcionar satisfação aos vários interesses sociais e culturais, estimulando uma maior participação e o conhecimento de novas alternativas de lazer que esta atividade pode oferecer.

No entanto não apenas os conteúdos culturais devem ser verificados no lazer, embora sejam fundamentais, mas, igualmente, no mesmo patamar de importância, deve-se considerar a forma como essa participação se processa, ou seja, se a atividade de lazer é vivenciada no nível conformista, crítico e criativo e que, principalmente, a vivência supere cada um destes níveis⁶.

Particularmente, uma festa étnica que se caracteriza como evento de massa, quer por sua popularização através dos meios de comunicação, quer pelas atividades que proporciona, ou pela variedade de produtos que são consumidos e a quantidade de pessoas que envolve, apresenta-se uniforme, coletiva e de consumo. Neste sentido, existem maiores probabilidades desta festa caracterizar-se como uma prática conformista. Isto, porque, muitas vezes, a opção pessoal pela atividade é guiada pelo gosto da maioria da população e pelos meios de comunicação de massa, em função do caráter de "modismo" e por concentrar um número muito grande de pessoas. Também, assim, os seus conteúdos podem ser vivenciados pelos participantes com atitudes conformistas e de resignação, igualmente, como fuga da realidade social, destarte, muitas vezes, de forma alienante no consumo de bens simbólicos e materiais. Ou, pode ser ainda, uma opção pessoal, onde não predomine a influência social, na busca da satisfação dos interesses do lazer, vivenciando os conteúdos de forma festeira, criativa e crítica, gerando diferentes criações nas expressões e novas atividades. Outrossim, os participantes refletem, analisam, manifestam questionamentos e contestações sobre a festa e a vida como um todo, como também, manifestam formas reivindicatórias em maiores oportunidades e condições, para participar de um evento festivo.

Especificamente, no que se refere às festas de massa, vale salientar aqui, a abordagem de MARCELLINO (1983) sobre eventos esportivos de

6 A Teoria Sociológica da Decisão, classifica esses níveis em "elementar ou conformista, médio ou crítico e superior ou inventivo" (DUMAZEDIER, 1980. p.72-73).

massa, onde os participantes assumem atitudes que se caracterizam pela evasão e paixão.

"Ora, as atividades de lazer têm entre suas funções o divertimento, a recreação, a busca do prazer e se os espetáculos esportivos de massa atraem tanto público – que se comporta de maneira tão apaixonada, certamente não será apenas devido aos apelos da 'indústria do espetáculo'." (p.46).

A festa é uma atividade social de lazer, pela realização das atividades, de uma maneira em geral, serem exercidas de forma conjunta com outras pessoas, permitindo o contato direto entre indivíduos, social e geograficamente, próximos ou distantes, pertencentes a grupos sociais distintos ou similares. Representa assim, uma possibilidade das pessoas se divertirem, descansarem e se desenvolverem pessoal e socialmente, fruindo, assim, dos valores do lazer⁷.

MARCELLINO (1990b, p.35) tecendo considerações sobre os valores do lazer, na sociedade atual, ressalta a necessidade de reconhecer a visão do lazer como: válvula de escape da realidade social; a sua associação ao consumo puro e simples; o repouso e o divertimento na perspectiva funcionalista. Da mesma forma, é preciso reconhecer as possibilidades que este mesmo lazer oferece para o descanso e para o divertimento pelo prazer e pela satisfação, com o fim em si mesmo e, da mesma maneira, para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

Os desenvolvimentos pessoal e social se evidenciam nas oportunidades de lazer que propiciam o *"contato face a face, o aguçamento da sensibilidade, e uma variada gama de informações que o seu exercício enseja"*⁸. Outrossim, quando o lazer possibilita uma participação mais efetiva, com informações e a iniciação dos vários conteúdos e, nos dois âmbitos, o lazer pode ser exercido de forma crítica e criativa, gerando estes valores, conseqüentemente, maior importância desta esfera humana.

A consideração do lazer, desta forma, reafirma e comprova as análises minuciosas de REQUIXA (1980), com relação ao *"duplo aspecto educativo do lazer: como veículo de educação, isto é, a educação através das*

⁷ Praticamente todos os autores, ligados ao estudo do lazer, reconhecem como sendo estes os valores do lazer, embora apresentem diferença de enfoques.

⁸ MARCELLINO, *Lazer e educação*, (1990, p.57-93), fundamentado, principalmente, no estudo de Renato Requixa, embora praticamente todos os autores, ligados ao lazer, reconhecem o duplo aspecto educativo do lazer.

atividades de lazer; e, como objeto de educação, isto é, a educação para o lazer” (p.52).

Partindo das considerações acima, pode-se relatar que a participação em uma festa étnica, pode se dar em torno dos valores apenas de diversão, higiene mental, entretenimento, em uma perspectiva “funcionalista”, servindo como recurso para aliviar, melhorar e suportar a vida cotidiana, mediante as características da vida habitual, minimizando os problemas pessoais e sociais. Por outro lado, estes valores podem ser norteados, simplesmente, pelo ato de festejar o aqui e agora, na animação, no prazer das pessoas se expressarem livremente, através da reunião e conagração com outras. Ou então, por estas vivências proporcionarem o desenvolvimento pessoal e social, nas várias alternativas de convivência social, colocando-se em contato com o outro, anseios e valores, através de trocas de informações e conhecimentos em torno da festa, da vida, nas esferas pessoal e social. E pela oportunidade que as pessoas têm de poder livremente imaginar, analisar e refletir sobre si mesmas, em relação às outras pessoas e à festa, implicados nos sentidos que sugerem a tentativa de descobrir como na realidade se expressam e se apresentam. Assim, evidencia-se o lazer como “*veículo de educação*”.

Sob outra perspectiva de estudo da festa, DA MATTA (1990), ao analisar o carnaval, escreve que esta festa se orienta acentuando o “*princípio social de inversão*” (p.41), considerando que os participantes na festa não estão relacionados por meio de um eixo hierárquico, mas pelo encontro e pela comunhão, onde os papéis e as posições sociais são neutralizados ou invertidos. Para o autor, esta festa se constitui em um momento social de encontro, de mediação e de polissemia social, onde todos objetivam “brincar”, por um entendimento de suspensão momentânea das regras sociais da vida cotidiana. “*E brincar significa literalmente ‘colocar brincos’, isto é, unir-se, suspender as fronteiras que individualizam grupos, categorias e pessoas*” (p.52). Por tudo isso, destaca os aspectos ambíguos da ordem social, manifestando um conjunto de sentimentos, ações, valores, grupos e categorias que, cotidianamente, são inibidos por serem problemáticos e, por isso mesmo, expressam a ordem e a estrutura social de forma alternativa ou invertida.

Em outra linha de pensamento, BRANDÃO (1974, p.24), mostra que a festa é um “*acontecimento social de efeito identificador*”, dando a entender, que foi e ainda é, através dela, que os diferentes grupos sociais e culturais rememoram acontecimentos e símbolos com os quais se identificam, já

que, por meio deles, simbolizam e explicitam seus universos simbólicos distintos, com vistas ao reconhecimento social, posto que fazem parte de um todo mais amplo: o plano cultural da sociedade em que estão inseridos.

Através deste panorama geral, delineado até o momento, sobre lazer e festa, pode-se concluir que a participação em uma festa étnica, particularmente, pode oportunizar a vivência dos valores do lazer, como: o descanso, o divertimento, e o desenvolvimento pessoal e social; mas também, de catarse, os de consumo; outrossim, a afirmação de identidades étnicas e grupais e ainda, a inversão ou legitimação da ordem social, cultural e do cotidiano, dentre outros, constituindo-se em valores, que fazem parte de um todo mais amplo: o plano cultural.

No que diz respeito às características da festa, adotam-se as definidas por RIBEIRO JÚNIOR (1982), em a *"Festa do Povo: pedagogia de resistência"*, embora não concordando com uma visão tão política da festa, enquanto manifestação de luta e resistência de um povo, que se pode apreender da leitura daquele estudo. Este autor distingue cinco elementos que regem a dinâmica interna da festa: *"o conflito, o contraste, a gratuidade, a utopia, e a expressividade"* (p.45-57). Ao nosso ver, a definição destes componentes para caracterizar a festa é mais adequada, porque os situa de forma dialetizada, obedecendo à lógica interna da festa, articulada à lógica geral da sociedade. O que não poderia ser diferente, conforme considerações anteriores, pois um conteúdo cultural compõe um todo interligado. Assim, a análise específica desta abordagem neste estudo, efetuar-se-á para melhor compreensão sobre a festa como um todo. Desenvolve-se, a partir daqui, o segundo tema de discussão proposto.

No que diz respeito ao *"conflito"*, segundo RIBEIRO JÚNIOR (1982), este pode expressar-se na festa decorrente de quatro níveis de conflitividade que são:

"(...) aquele que se faz presente no cotidiano popular; no assalto sofrido pelo arbitrário cultural dominado por parte do arbitrário dominante; na tentativa de legitimação ritual da ordem dominante que procura organizar, homogeneizar, branquear a festa; na inversão ritual das relações do cotidiano popular, o que pode transformar a festa num momento de relativa licença" (p.45-46).

Entende-se, assim, que os conflitos, em uma festa étnica, podem decorrer: por problemas familiares, sociais, econômicos, entre outros,

presentes no cotidiano do indivíduo; da passagem de festa-do-povo para festa-para-o-povo no que se refere à participação popular no planejamento, organização, desenvolvimento e, também, da expropriação cultural que, muitas vezes, elas sofrem; em função da normatização de festas, fazendo com que a população precise se adequar às normas e regras oriundas da cultura dominante; pelo domínio no maior controle de uma festa, entre diferentes autoridades que se envolvem, quer sejam públicas, civis e os especialistas da festa; o fato dela ser um momento de relativa licença, pode gerar conflitos em torno de valores morais dominantes, decorrentes da inversão dos papéis cotidianos e, muitas vezes, com manifestações de condutas, consideradas imorais e indecentes, pelos padrões estabelecidos social e culturalmente. São apenas alguns aspectos que podem conflitar com a vivência lúdica e criativa em uma festa.

O autor destaca a importância do conflito em uma festa, no sentido de ser uma possibilidade do povo romper com a dominação, tornando-a um momento de contraste, de alteridade. Caso contrário, a festa pode caracterizar-se vazia, acanhada, autoconsumista e de catarse acentuada. Ele a resume nas seguintes palavras: *"o conflito age no sentido de produzir maior fechamento ou alargamento da festa em direção do todo da vida do povo"* (p.48).

Para se entender *"o contraste"*, segundo RIBEIRO JÚNIOR (1982), é só olhar para o cotidiano popular para ver o contraste que representa uma festa, pois nela, verificam-se a ampliação do consumo de bebida, de comida e nas formas de celebrações. Assim, a festa é um contraste de excesso e de liberdade frente à vida habitual normatizada, regulada e, para muitos, carente e oprimida. Neste sentido, diz que: *"a linguagem da festa contrasta com a linguagem econômico-racional que impõe o silêncio do povo"*. Observa ainda: *"quanto mais lúdica e expressiva for uma festa, mais contraste ela terá com o cotidiano fatigado, reprimido"* (p.48-50).

O autor aborda o componente contraste, diretamente relacionado à inversão do ritual, fundamentado em DA MATTA (1900). Acrescenta-se que é necessário reconhecer o contraste, quando uma festa envolve rituais de reforço, como, por exemplo, o destaque e a afirmação dos papéis hierárquicos e nos cenários culturais simbólicos de representação de comunidades específicas proporcionadas, geralmente, por festas étnicas e religiosas.

Com relação ao elemento *"gratuidade"*, RIBEIRO JÚNIOR (1982, p.52), considera como a principal característica da vivência festiva, *"a essência da festividade popular"*. Para o autor, é a gratuidade que rege o

encontro das pessoas em uma festa, pela espontaneidade e liberdade que é doada, acolhida e criativa em suas relações de forma pacífica e globalizante, estando elas desarmadas de fins e objetivos.

Desta forma, afirma que: *"a gratuidade vivencia aqui/agora aquelas coisas pelas quais se espera, deixando fluir a Utopia"* (p.52). Tudo isto por ser a festa uma forma de celebração; o celebrar não consiste numa atividade produtiva, tem fim em si mesma. Por isso, esta vivência é gratuita, pois *"o ápice da festa não pode ser produzido, mas somente in-vocado, não dependendo diretamente da organização dos preparativos, mas brotando quando menos se espera"* (p.53).

De acordo com a abordagem acima, fica claro que a gratuidade não está vinculada ao consumo na festa ou à possibilidade de participação gratuita, mas consiste na manifestação espontânea e de liberdade expressa pelos atores da festa em suas ações, expressões, sentimentos e relações sociais, percebendo-se mutuamente com as outras pessoas na totalidade da vivência festiva, tendo como princípio básico o celebrar. Situação esta muito mais complexa em manifestar-se no tempo de rotina, porque a vida do homem e suas relações sociais estão impregnadas por valores funcionalistas de comércio, de produtividade e do lucro.

É com base, no acima exposto, que se pode falar que festa só é festa, quando se realiza na animação, que caracteriza o ato de festejar o aqui e agora, o prazer nas relações de estar junto com o outro e de expressar-se livremente. E por isto, reforça-se que a festa é uma celebração do gratuito, da espontaneidade e da liberdade.

Já, a *"utopia"*, como componente da festa, caracteriza-se na medida em que ela é capaz de apontar na direção de esperança por um mundo melhor. RIBEIRO JÚNIOR (1982), fundamentado em Cox, escreve que a fantasia é uma forma de pensamento utópico, vivenciada pelas pessoas, a qual estimula a busca de novas formas de convivência pessoal e ações, sem se deterem em perguntar se as transformações são "possíveis". Para esses autores, a fantasia não é mera imaginação, devaneio, mas, sim, pensamentos que enfocam esperanças de situações alternativas de vida.

Desta forma, não, exclusivamente, no domínio da festa, mas é nela que existe maior possibilidade de conceder à fantasia toda sua espontaneidade, dimensionando esperanças na visualização ou busca da possibilidade do "vir a ser" de situações de vida alternativa ou nova, principalmente, àqueles que se encontram restringidos ou excluídos dos benefícios de uma sociedade.

No que diz respeito à “expressividade”, RIBEIRO JÚNIOR (1982, p.55) considera que “as formas expressivas desenvolvidas na festa do povo compõem uma linguagem-em-ação”, isto é, a totalidade de ser. Aponta que,

“a linguagem festiva apresenta uma morfologia peculiar. Trata-se antes de tudo de uma linguagem do corpo, este corpo que é o ‘documento de identidade do povo’, timbrado pela violência cotidiana. Todavia, marcando forte contraste, o corpo-em-festa diz excesso, prazer, sociabilidade, plenitude do aqui/agora” (p.55).

Em uma visão ampla, destaca ainda que “a linguagem da festa é multiplicidade”, porque nela, misturam-se manifestações religiosas, profanas, eróticas, artísticas e políticas. Se esta diversidade e variedade produz um princípio de unidade e de integração, ao mesmo tempo, gera também tensões e conflitos.

E, em uma visão específica, RIBEIRO JÚNIOR (1982) considera que a expressividade das pessoas na festa, manifesta-se mais intensamente, através do canto, da dança, das roupas fantasiadas e, pode-se acrescentar, nas suas relações sociais. Neste sentido, diz o autor, que ela é sobretudo social, criadora de igualdade, pois o canto manifesta a fala grupal, cheia de alegria e poesia, em contraste com a comunicação cotidiana que se caracteriza formal e, muitas vezes, restringida. E, “A dança é uma forma de estar-junto, ela rompe com a individualização de um corpo produtivo para dotar de manifestação interjetiva num corpo total” (p.57), rompendo-se, assim, momentaneamente, os movimentos automatizados, retilíneos, funcionais e solitários da vida habitual.

Com base neste referencial, pode-se concluir que a expressividade na festa é lúdica, e expressa-se, principalmente, no canto e na dança, constituindo uma fala conjunta, alegre e coletiva, caracterizando-se numa manifestação concreta e total do corpo. Considera-se, assim, a dança como o principal conteúdo de lazer de interesse físico e social para os atores, destacando-se entre os demais conteúdos de uma festa profana, tema proposto como terceira questão a ser abordada.

Neste contexto, BÉJART (1980), ao falar sobre dança profana, diz que:

“O homem faz parte de um dado grupo étnico, social, cultural. E tem necessidade de se sentir fazendo parte integralmente deste grupo: de

estar em relação com os outros. Muito mais do que as leis, os costumes, o traje e a linguagem, é o gesto que vai dar existência a essa união” (p.8).

Nesta linha de pensamento, GARAUDY (1980), ao analisar a história da dança, esclarece que esta foi para todos os povos, em todos os tempos, “a expressão, através de movimentos do corpo organizados em seqüências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica” (p.13).

E sob outra perspectiva de estudo da dança, complementa, dizendo que aquele que sabe compreender a dança sagrada, liberta-se da ilusão individualista, pois a dança é sua própria natureza, sua vida espontânea e total, para além de todos os fins particulares e limitados: ele se identifica com o movimento rítmico do todo que o habita. Assim a dança “se afirma e se constitui a unidade do homem e de seu meio, do indivíduo e do grupo (...)” (p.20).

Sob este prisma, compreende-se que a dança é vivenciada de forma coletiva, festeira e criativa, por ser exercida de forma conjunta com outras pessoas, pela geração de diferentes expressões, na criação de novas formas de bailar e, simultaneamente, pela sensação de alegria, de prazer, de espontaneidade e de liberdade com que é vivenciada.



No entanto, VIANNA (1997) em sua análise sobre as danças nos bailes *funk* cariocas, descreve que nos momentos de densidade e intensidade culminante na pista de dança, os participantes passam a formar

um único grupo, pulando, gesticulando e gritando de forma similar, no mesmo ritmo, coletivamente. Para ele, a sensação é a de que: *"estamos diante de uma única criatura, com centenas de braços, centenas de pernas, centenas de cabeças"* (p.79). São momentos em que os cantores brincam com seu poder sobre o público, exigindo mais animação e menos habilidade e criatividade em dançar, conseguindo, na maioria das vezes, duplicar a euforia em poucos minutos.

Esta *"catarse"* usando o conceito de MARCELLINO (1990b, p.35), parece-nos que também é produzida nas festas étnicas embora com diferentes formas de dançar e festejar, mas, com certeza, evidenciam-se, preponderantemente, nesses momentos. Fenômeno que está relacionado ao grande número de pessoas presentes, tanto quanto ao ritmo acelerado da música e à comunicação lúdica que os cantores das bandas estabelecem com o público da festa.

Todas estas considerações explicam os significados que a dança assume enquanto linguagem festiva⁹, representando valores e princípios referentes ao contexto sócio-cultural, no qual as pessoas estão inseridas. Assim, entender a dança como manifestação cultural de lazer, implica em pensar a cultura como organizadora dos significados e construtora das representações sociais, portanto, numa visão conjunta.

Com base nas colocações acima e de MARCELLINO anteriormente abordado, é que se pode falar que, uma festa étnica pode oferecer diversos conteúdos culturais de lazer, os quais, de forma preponderante, se constituem nas danças, abrangendo as áreas de interesses artísticos, físicos e sociais no lazer.

Dando seqüência à abordagem da característica expressividade, RIBEIRO JÚNIOR (1982, p.57) discute, também, a *"vivência erótica e os comportamentos anti-sociais"* que se manifestam na festa, como integrados a este componente. Entretanto entende-se que a vivência erótica está, também, relacionada ao contraste, à gratuidade e à utopia, enquanto os comportamentos anti-sociais, aos elementos: conflito e o contraste. Portanto estes dois aspectos evidenciam-se na festa em função da maioria dos componentes da mesma, bem como, da estrutura social, cultural e cotidiana.

⁹ Entende-se por comunicação de alegria com outras pessoas. Maurice Béjart na obra de Roger Garaudy, ao descrever sobre a dança sagrada coloca: *"O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro"* (BÉJART, 1980. p.8).

Ao analisar a "vivência erótica" na festa, o autor toma como ponto de partida o que diz Enrique Dussel: "o desejo sexual normal floresce quando o outro é tratado como outro, num clima de realização e abertura" (p.56). Este estado de ser e de considerar o próximo no ambiente social da festa, faz as pessoas perceberem-se mutuamente em sua sexualidade, para além dos papéis e relações afetivas rotineiras. Além disso, a festa é um momento que possibilita às pessoas exibirem as suas sensualidades, afirmando a feminilidade ou a masculinidade.

RIBERO JÚNIOR (1982) considera, também, que, em virtude da festa suspender, momentaneamente, o controle familiar e o social, faz com que ela possa servir de pretexto para "comportamentos anti-sociais". Nesta direção, diz: "a relativa licença nas festas pode conduzir a uma deformação 'auto-erótica', na expressão de Dussel. O auto-erotismo é o fechamento narcisista frente ao outro" (p.57).

Com base no exposto, compreende-se porque as manifestações festivas possibilitam, de forma mais abrangente, embora não exclusiva, os "comportamentos anti-sociais". O clima de "festa", que é proporcionado pelo componente lúdico da cultura, expressividade e gratuidade das ações e relações sociais, e ampliação do consumo de bebidas alcoólicas, todos possibilitam um maior abrandamento dos valores morais, familiares, sociais e culturais. Da mesma forma, estes aspectos proporcionam uma maior liberdade e autonomia, frente às experiências sensuais, afetivas, amorosas e sexuais, superando a forma habitual de conquista entre as pessoas, enunciando-se a "vivência erótica" na festa, não sendo, unicamente, vivenciada pelos participantes em algumas expressões ou apresentações de dança, ela amplia-se no espaço do baile¹⁰ e nos espaços externos do baile e da festa.

MARCELLINO (1983) chama a atenção dizendo que, não resta dúvida, que na vivência do lazer, são verificados desvios e deturpações em torno de atitudes e valores, porém, para colocar a questão em termos do que é normal ou patológico, em relação às atitudes humanas no tempo de lazer, é preciso observar de que ângulo esta atribuição está sendo efetuada, porque, muitas vezes, tem como pano de fundo, preconceitos e ideologias de grupos dominantes e instituições, sensivelmente, tradicionais.

¹⁰VIANNA (1997, p.78), em sua análise sobre as danças nos bailes funk cariocas, conclui que a forma de dançar "esfrega-esfrega", "só aumenta a carga erótica que perpassa todo o baile, do começo ao fim".

Desta forma, torna-se importante destacar que estes aspectos devem ser considerados, tendo como base os valores morais da sociedade em que a festa está circunscrita.

De forma geral, nos dias de hoje, este tipo de comportamento se evidencia de maneira mais freqüente na festa e em seus eventos marginais, muitas vezes, gerando uma série de situações conflitivas em torno de valores morais, culturais e sociais. Portanto é necessário considerar que alguns comportamentos e atividades do tempo disponível se caracterizam em *"atitudes patológicas"* ou *"comportamentos anti-sociais"*, por se apresentarem impróprias, incoerentes e perigosas para o desenvolvimento humano e em suas relações sociais. Algumas vezes, colocam em risco a vida dos participantes envolvidos na atividade e, além disso, furtam-se da vivência lúdica, participativa e criativa da atividade. Evidencia-se aqui que *"o lazer carrega também possibilidades de se transformar num tempo de manifestação de valores destrutivos"* (MARCELLINO, 1983. p.68).

Em outra direção, não resta dúvida, de que a festa, em especial, em função dos elementos que compõem a sua dinâmica interna, pode, também, gerar formas de contestações e protestos concretos e simbólicos por motivos diversos, sociais, culturais, econômicos, entre outros, propiciando o surgimento de ações e iniciativas subversivas ou alternativas. É nesta direção que *"...a resistência social se mostra mais clara nos momentos de festa, de prazer, de alegria, principalmente nos eventos coletivos, que contagiam e emocionam"* (MARCELLINO, 1990b. p44).

Sob este mesmo prisma, RIBEIRO JÚNIOR (1982), considerando que a expressividade na festa é manifestada de forma alegre e prazerosa, e analisando *"a força subversiva do riso"*, abordada por Luís Maldonado, conclui que: *"Esta alegria coletiva e orgânica, na vida do povo, já é um sinal de resistência: ao assumir as feições da ironia, do atrevimento, ela vira de pernas pro ar a verdade oficial, solene e repressiva"* (p.56).

Vale salientar que estas considerações sobre a linguagem expressiva lúdica e subversiva de uma festa, estão diretamente relacionadas ao momento, ao espaço e, predominantemente, ao grupo festejante.

É neste contexto, considerando a importância e a força do componente lúdico da cultura, manifestado no lazer, que MARCELLINO (1990b) afirma: *"Embora não de modo exclusivo, é particularmente, no tempo de lazer, que são vivenciadas situações geradoras de valores que poderiam ser chamados de 'revolucionários' "* (p.44). Ou seja, é no lazer que são reivindicadas formas de relacionamento social mais espontâneas, outras

formas de convivência social, a afirmação da individualidade, a ocorrência de questionamentos de valores, manifestação de mudanças de valores e comportamentos, mediante estrutura temporal e espacial coercitiva e restritiva, vigentes, atualmente, no cotidiano das pessoas.

De acordo com este raciocínio, sobre esta esfera de atuação humana, o autor considera o lazer uma

"possibilidade privilegiada, enfatizada, para a vivência (em conteúdo e forma, enquanto produto e processo) de valores, que embasem mudanças, ou abram perspectivas para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para a implantação de uma nova ordem social (...)" (MARCELLINO, 1990b. p.40).

Com base nas considerações efetuadas até o momento, sobre a festa e a dança como conteúdos culturais de lazer, finaliza-se, destacando a importância da síntese que MARCELLINO (1990b, p.44) faz sobre o lazer, de acordo com a estrutura da sociedade em que vivemos, o que se julga estar muito presente, atualmente, na participação e/ou fruição dos atores de uma festa étnica:

"Apesar de todas as tentativas de operacionalização do lazer, para recuperação da força de trabalho, ou como simples espaço de tempo para o consumo, ou como forma deturpada de 'circo' – da expressão 'pão e circo' – ainda sobram 'brechas' para a manifestação do lúdico, em conteúdo e forma. A sedução que o lúdico exerce, suas possibilidades de denúncia da realidade, fazem com que os valores do lazer possam desempenhar um papel de subversão".

Considerações Finais

O estudo realizado permitiu que se chegasse a considerações que, de modo geral, sintetizam aquelas já apresentadas no texto. Evidenciam-se, assim, os cinco elementos fundamentais que regem a dinâmica interna de uma festa étnica: *"o conflito, o contraste, a gratuidade, a utopia e a expressividade"* (RIBEIRO JÚNIOR, 1982. p.45-57). Apresenta-se como espaço de vivência do lazer para os atores, quando a participação é decorrente de uma opção própria e por quererem, num tempo e atitude desvinculados das obrigações familiares, sociais, políticas e do trabalho,

com interesse primordial no ato de festejar o aqui e agora, que se realiza na animação, no prazer das relações de estar junto com os outros, e de se expressarem com liberdade e ludicamente, principalmente, através da dança, predominando, os interesses sociais em estreita relação com os físicos.

A vivência da festa étnica pelos atores, pode ser norteadada pelos valores de inversão e neutralização da ordem social, cultural e cotidiana; na afirmação de pertencer a determinado grupo sócio-cultural; mas também, como descanso e divertimento atrelados à perspectiva compensatória; da mesma forma, de catarse e no consumo puro e simples. Entretanto, pode predominar o prazer do divertimento e da recreação com o fim em si mesmo, simultaneamente ao desenvolvimento pessoal e social, alargando-se fronteiras sociais, afetivas e educativas. E, exatamente por isso, que pode se caracterizar em atividade de lazer criativa e crítica, e não exclusivamente divertida e de distração, ou sem conformismo.

A festa étnica, enquanto manifestação cultural, é um momento social onde se processa a transcendência do ordinário e, exatamente por isto, apresenta-se como "*princípio estruturador da especificidade do tempo festivo*" (PRADO, 1977. p.82), que se manifesta de diferentes e variadas formas. Pois, a transcendência expressa-se na ludicidade, na expressividade, na gratuidade das ações e relações sociais, no consumo alcóolico e, também, nos gastos de dinheiro. Transcende ainda, no fortalecimento das relações sociais e na dilatação das fronteiras das mesmas, na expressão e na afirmação de identidades étnicas e sociais, como também, nos conflitos, decorrentes de desavenças, de discórdias, e de disputas territoriais. E é neste contexto, principalmente, que se percebe com mais convicção, a transcendência das normas e regras cotidianas como operadoras da transmutação que o tempo sofre durante o período de festa. Isto tudo, como atividade de lazer de forma e efeito diverso do cotidiano.

ABSTRACT: *The current study searches to understand and interpret the interests, values and meanings that the ethnical fests have to their actors referring to leisure, in parallel to analyze which are their characteristics, which are the cultural contents they involve, and the social effects they cause. The text is based on the bibliographical analysis, demonstrates the fest relations and dimensions as space and moment of the leisure custom, the fest internal dynamics, pointing to the elements that constitute it and, from those parameters, it is described about the dance for being one of the principal leisure contents of a fest. This study, points out the fest as space and moment of leisure and, among the several leisure cultural*

contents it offers, the dance is characterized as the principal, being useful, mostly for the social interests satisfaction, in a strict relation with the physics, experienced in a playful, creative and critical way, and not exclusively funny and of entertainment, or even without conformance.

KEY-WORDS: *Leisure, fest, dance*

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Rita de Cássia. Cidade em festa: o povo-de-santo (e outros povos) comemora em São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Liliam de Lucca (org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- BÉJART, Maurice. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. Campinas: UNICAMP: Nova Fronteira, 1980.
- BRANDÃO, Carlos R. *Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974.
- CAMARGO, Luis O. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DUMAZEDIER, Jofre. Sociologia empírica do lazer. In: _____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- FLORES, Maria Bernardete R. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na Estação do Chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. Campinas: UNICAMP: Nova Fronteira, 1980.
- GRAZIA, Sebastian de. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Tecnos Editorial, 1966.
- KLUGE, Maria Fernanda M. *O Vêneto não Pode Morrer: um estudo sobre restaurantes, rituais e (re) construção da identidade italiana Santa Felicidade*. Curitiba: UFPR, 1996. (Dissertação, Mestrado em Antropologia)
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. Campinas: Papyrus, 1983.
- _____. *Lazer e educação*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1990a.
- _____. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papyrus, 1990b.
- PRADO, Regina de P. S. *Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional, 1977. (Dissertação, Mestrado em Antropologia Social)

QUEIRÓS, Ilse Lorena von Borstel G. de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães*. Campinas: FEF/UNICAMP, 1999. (Dissertação, Mestrado em Educação Física - Estudos do Lazer)

REQUIXA, Renato. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N. *A Festa do Povo: pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

VIANNA, Hermano. *O mundo Funk carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.